

## SILVIANO SANTIAGO, UM MEDIADOR

Carlos Tadeu de Andrade Galvão  
Doutorando em Literatura Comparada (UERJ)

*Obras do mestre. Identificam-se em virtude de seu poder de nomeação, ativação, intervenção, disseminação. E embora extremamente generosas, são difíceis e exigentes as obras do mestre. E pacientes também, pois confiam no tempo e no dedicar-se.*

Roberto Corrêa dos Santos<sup>1</sup>

O objetivo desta comunicação é o de levantar alguns aspectos “mediadores” na obra crítica e na obra ficcional recente do escritor Silviano Santiago. Em seus dois últimos livros publicados na década de 90, *Keith Jarrett no Blue Note: (improvisos de jazz)*<sup>2</sup> e *De Cócoras*<sup>3</sup> podem ser apontados significativos índices de um percurso artístico marcado pelos signos da flutuação, da interseção (e da intercessão), do intervalo e do intermediário ou, para usar uma expressão cunhada pelo crítico Silviano Santiago, do *entre-lugar*. Corpos, gêneros (nos dois sentidos da palavra), territórios, identidades: fronteiras imaginadas, apagadas e recriadas pelas mãos mediadoras de um escritor.

Em seu texto “O homossexual astucioso”, leitura apresentada na *Latino Queer Conference*, colóquio internacional organizado pelo *Center for Gay and Lesbian Studies*, da Universidade de Nova Iorque (NYU), Silviano inicia sua fala com uma “astuciosa” provocação:

---

<sup>1</sup> SANTOS, R. C. Nas obras de Silviano (Lições aprendidas). In: SOUZA, E. M. de, & MIRANDA, W. M. (orgs.). *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997. p. 39.

<sup>2</sup> SANTIAGO, S. *Keith Jarrett no Blue Note: (improvisos de jazz)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. *De Cócoras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

*Costuma-se perguntar ao intelectual brasileiro, quando em viagem aos países metropolitanos, em que a produção cultural feita no Brasil contribuiu, ou pode chegar a contribuir, para essa ou aquela teoria crítica.*

*(...)*

*Respondo ao meu interlocutor, dizendo-lhe que prefiro redirecionar a pergunta que me faz aos textos produzidos na própria metrópole. Proponho a todo e qualquer texto de intelectual e autor influente, autêntico representante da cultura ocidental, a tarefa que o colega curioso tinha delegado a mim. Digo-lhe, indiretamente, que existe uma **instância de mediação** no nosso diálogo. A ela deve ser dada primeiramente a palavra, pois é quem na verdade legitima os valores universais embutidos na pergunta inicial.<sup>4</sup>*

Introduzindo, portanto, o tema que motiva não só esta comunicação, como o próprio evento para o qual aqui estamos reunidos, tomo de empréstimo a expressão cunhada por Silviano e proponho-me a discorrer sobre alguns aspectos de significativa relevância desta “instância de mediação” na obra crítica e ficcional do referido escritor. Dizendo de outro modo, gostaria de levantar a hipótese de ser esta “instância de mediação” uma recorrente estratégia crítico-estética de seus escritos.

Silviano Santiago, intelectual/professor universitário, crítico literário, colunista de jornal, ficcionista, poeta: a própria diversidade que caracteriza sua produção já seria suficiente para concebê-lo como um dos mais representativos agentes de mediação cultural em atividade no Brasil. Sua produção ensaística sempre esteve, de alguma forma, inclinada à realização de intercessões, não só culturais, mas também políticas. Veja-se, por exemplo, o modo como a noção de “entre-lugar” reapresenta o problema da dependência cultural de países periféricos,

---

<sup>4</sup> SANTIAGO, Silviano. O homossexual astucioso (Primeiras – e necessariamente apressadas – anotações). *Brasil/Brazil: Revista de Literatura Brasileira*, nº 23, ano XIII, p. 7-18, 2000.

como o Brasil, em relação às “metrópoles” econômicas e culturais. Ao falar do “entre-lugar do discurso latino-americano”<sup>5</sup>, Silviano não só estava propondo um desvio da rua de mão única caracterizada pelos eixos original/cópia e fonte/influência, predominantes na abordagem crítico-comparatista de então, como estava também tocando em dolorosas feridas de sociedades construídas em torno de um invisível e astucioso emaranhado de discursos de poder que visam a apagar toda e qualquer diferença. Como alternativa a este modelo, propõe que se estabeleça um critério em que o único valor crítico seja exatamente o da diferença.

Ao afirmar o valor positivo da diferença na produção literária e ensaística do escritor latino-americano, Silviano também “descortina o horizonte de uma sociedade em que outras diferenças foram excluídas”<sup>6</sup>. E é já neste texto que encontramos também, de uma outra forma, um movimento de redirecionamento da pergunta e o gesto de dar primeiramente a palavra a uma instância de mediação. “Contra astúcia, astúcia e meia. Contra verdade, verdade e meia”<sup>7</sup>.

Vejamos, pois, como, de formas diferenciadas e por razões completamente diferentes, podem ser identificadas “instâncias de mediação” nos dois livros já mencionados: *Keith Jarrett no Blue Note* e *De Cócoras*.

Denílson Lopes, ensaísta e estudioso das questões concernentes à estética e à escrita gay, aponta para a significativa relevância dos escritos de Silviano Santiago para essa linha investigativa, afirmando também que, já a partir do conceito de “entre-lugar”, “talvez nenhum outro crítico de cultura, entre os mestres de nossa geração, tenha nos trazido tantas sugestões para a construção dos estudos gays no Brasil do que Silviano Santiago”<sup>8</sup>. A partir da análise do modo como está construído o discurso sobre o homoerotismo no livro de contos *Keith Jarrett no Blue*

---

<sup>5</sup> SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural* – 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

<sup>6</sup> LOPES, Denílson. Escritor, gay. In: *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, p. 32.

<sup>7</sup> SANTIAGO, S., op. cit., 2000, p. 9.

<sup>8</sup> Op. cit., p. 31.

*Note*, passo, então, a apontar aspectos da obra que podem ser identificados com a versatilidade e a ductilidade de que se reveste a recorrente “instância de mediação” na obra do autor.

Ao contrário do que se poderia esperar, a visão que podemos extrair das relações afetivo-sexuais homoeróticas imaginadas em *Keith Jarrett* parece ser a que não está preocupada em estabelecer marcas de diferença. Também no tratamento literário que dá a estas relações, Silviano Santiago parece empregar estratégias de astúcia narrativa instauradoras de ambigüidade. Não deve ser mera coincidência o fato de o autor, refletindo sobre as diferenças entre as dinâmicas do público e do privado nos Estados Unidos e no Brasil, ter engendrado a expressão “homossexual astucioso”, na mesma conferência em que fala em “redirecionamento da pergunta” e em “instância de mediação”. Voltando-se contra o radicalismo de qualquer movimento identitário, “hetero” ou “homossexual”, parece apontar para a possibilidade de uma superação da fixidez dos papéis sexuais. Sua aposta é mesmo na flutuação, na ambigüidade e na conseqüente ativação de uma instância de mediação em diálogos futuros:

*Poder-se-ia dizer que o exibicionismo público, protestante, exigido do homossexual pelos movimentos militantes norte-americanos, poderia ser suplementado por uma forma astuciosa de exibicionismo também público, ao gosto da confissão católica secreta – o exibicionismo malandro? Trabalhando necessariamente com a ambigüidade de comportamento, de linguagem, distinguindo lucidamente norma e conduta e não norma e marginalidade, não explicitando a própria condição foneticamente ou através de buttons, etiquetas, etc, o homossexual malandro deixaria de explicitar a violência sexual contra si mesmo.*<sup>9</sup>

Ao falar em “astúcia narrativa” e “narrador astucioso”, estou me referindo exatamente ao alto grau de ambigüidade, aos deslizamentos semânticos com os quais o autor constrói o seu

---

<sup>9</sup> Op. Cit., 2000, p. 15.

discurso sobre o homoerotismo, nos contos de *Keith Jarrett no Blue Note*. Esta não é, entretanto, uma prerrogativa apenas deste texto de Silviano. Ana Maria de Bulhões Carvalho, em sua tese de doutorado<sup>10</sup>, identifica possíveis máscaras do narrador na obra de Silviano Santiago. Narradores “mascarados” estabelecem com o leitor uma relação que se aproxima do lúdico, do jogo nada ingênuo (erótico mesmo) de esconder/mostrar tão bem traduzido pelo objeto máscara. E é nesta chave da relação lúdica não inocente que Ana Maria conduz sua leitura de procedimentos astuciosos na obra do escritor.

O próprio Silviano Santiago declara: “em todos os meus romances nunca consigo falar diretamente sobre o assunto em pauta. É sempre simbolicamente, metaforicamente, fazendo jogos ficcionais”<sup>11</sup>. E é assim, em grande parte, que se dá a apreensão do conteúdo homoerótico dos contos de *Keith Jarrett* : por meio de sinais velados e pistas extremamente sutis. A imagem que melhor poderia traduzir esta sutileza do jogo de esconder/mostrar é a do “chicotinho queimado”, que aparece ao final de “Autumn Leaves”, o primeiro dos cinco contos. Observe-se que ela agrega os dois aspectos: tanto representa bem a idéia de jogo, quanto a idéia de algo que está oculto, mas nem tanto, pois, seguindo-se as indicações de “quente” e “frio”, acabar-se-á por chegar ao “esconderijo”.

Ao encontrar-se em uma banca de jornais, o narrador/personagem de “Autumn Leaves” revela a clandestinidade de que pode revestir-se o ato da compra de uma revista pornográfica, “daquelas só de fotos”. Posicioná-las, “puritanamente”, na parte mais interna da loja, dificulta a sua visualização e também a sua aquisição, pois, “só quem se atreve a passar pelos vários

---

<sup>10</sup> CARVALHO, Ana Maria de Bulhões. *6X4 Máscaras do narrador na obra de Silviano Santiago*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. (mimeo)

<sup>11</sup> Apud BESSA, Marcelo Secron. *Perigosos – mas nem tanto – auto-retratos*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 2001.(mimeo), p. 126.

estandes é que as vê”<sup>12</sup>. O ato ganha, então, ares de marginalidade e o personagem vai aos poucos passando de um estande a outro, vai chegando cada vez mais perto, até declarar: “Chicotinho queimado. Está esquentando. Basta você saltar um estande e já estará no fundo da loja” <sup>13</sup>.

“Chicotinho queimado”, portanto, é metáfora crítica tanto da ambigüidade astuciosa do texto de *Keith Jarrett no Blue Note*, quanto da ambigüidade de que se reveste o comportamento do homossexual astucioso. Não se “assume” nada, não se encenam grandes “*butings*”, mas, as pistas estão lá para aqueles que possuem olhos para ver e pele para sentir o frio e o quente do “jogo do chicotinho”.

Seriam “gays”, então, os contos de *Keith Jarrett no Blue Note*? No sentido estrito da expressão, levando-se em consideração que a palavra “gay” guarda uma forte ligação com movimentos que visam a fortalecer os laços de identidade e a reforçar a diferença entre homossexual e heterossexual, diria que não. E é a própria Heloisa Buarque de Holanda, autora da orelha do livro, quem contextualiza a classificação “gay” dos contos: “E que o leitor não se engane também se pensa tratar-se este volume de uma reunião de contos gays estrito senso. Nele não existem papéis sexuais muito definidos. São improvisos que têm como *leitmotiv* o *ethos* gay de uma permeável disponibilidade para o sexo”. <sup>14</sup>

Ao menos a advertência está feita: “gays”, sim, mas de um outro modo. E a denominação “gay”, neste caso, ainda traz um último ponto a ser esclarecido, uma vez que acaba por funcionar também como elemento ativador de uma instância de mediação no diálogo que se estabelece aí entre literatura e mercado. Funciona como uma piscadela, uma espécie de flerte com o mercado.

---

<sup>12</sup> SANTIAGO, S., op. cit., 1996, p. 42.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 49.

<sup>14</sup> Orelha do livro.

E a piscadela parece ter sido dada com a anuência do próprio Silviano Santiago que, em entrevista ao jornalista Pedro Bial, afirmou: “(...) eu acho que existem contos, vírgula homossexuais, vírgula gays. É uma questão de gênero, um duplo sentido de gênero<sup>15</sup>.” Deve-se, portanto, considerar esta declaração de Silviano sem perder de vista a questão mercadológica que está presente na classificação de um livro em policial, biográfico, esotérico ou gay.

De um modo completamente diferente, porém não menos relevante, *De Cócoras*, a última obra ficcional publicada por Silviano Santiago na década de 90, também parece dar primeiramente a palavra à instância de mediação que se interpõe tanto em diálogos que se estabelecem entre diferentes códigos artísticos, quanto em diálogos entre o “cultural” e o “literário”.

O livro dá continuidade a um traço dominante na ficção em prosa de Silviano: a reinvenção dos artifícios narrativos. Superposições de textos; exploração dos limites entre o discurso ficcional e os discursos ensaístico e autobiográfico; improvisos de jazz. Muitos são os (des)caminhos narrativos já percorridos por esse autor. Entretanto, parece haver um aspecto comum a alinhar essa obra em prosa: o “flerte” constante com o olhar, que se traduz em um jogo de referências à fotografia, ao cinema e às artes plásticas. Em *De Cócoras*, identifico esse diálogo evidenciado em uma composição pictórico-literária do gênero natureza-morta, pois, além de a narrativa fazer um uso bastante significativo de alusões cromáticas, há toda uma série de índices de ordem formal e temática que podem confirmar esta hipótese.

Nessa obra, apropriando-me momentaneamente do jargão crítico da arte pictórica, diria que se percebe um Silviano de linhas mais “puras”, de pinceladas mais breves e uma primazia de

---

<sup>15</sup> Apud CARVALHO, Ana Maria de Bulhões. *6X4 Máscaras do narrador na obra de Silviano Santiago*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. (mimeo) , p. 244.

cores primárias em sua composição narrativa. Se *Stella Manhattan*<sup>16</sup> destaca-se, em múltiplas combinações de cores, como num quadro de Andy Warhol, por sua complexidade narrativa e pelas performances e jogos de identidade colocados em questão, *De Cócoras* revela-se um texto que, ao tratar da precariedade e da privação de um ser às portas da morte, combina forma e conteúdo, produzindo uma narrativa extremamente concisa e enxuta. Se há aproximações a serem feitas, diríamos que, ao menos no tom e no tratamento dos temas da morte, da “doença” e da privação do corpo, esta novela está mais próxima do Silviano de *Uma História de Família*<sup>17</sup>, relato de um moribundo que, colocado frente a frente com a doença, o isolamento e a possibilidade da própria morte, tenta reconstituir e compreender a morte de um tio no passado.

Trata-se de uma novela. É uma novela que parece querer afastar-se de uma literatura ligada aos estudos culturais. Conforme declarou em entrevista à época do lançamento do livro<sup>18</sup>, Silviano desejava, com *De Cócoras*, experimentar as regras e o fôlego dessa forma narrativa curta. Além disso, pretendia produzir um texto que fosse, digamos assim, mais “literário” e menos “comportamental”; que estivesse mais ligado à “grande tradição”, a autores como Tolstoi, Flaubert e Beckett, e menos preocupado em explorar comportamentos de grupos marginalizados. Neste sentido, *De Cócoras* relê uma determinada tradição que tem por base *A Morte de Ivan Ilitch*<sup>19</sup>, de Leon Tolstoi, considerada por muitos críticos como a novela mais perfeita da literatura mundial.

Cultural e literário, entretanto, como bem sabe o Silviano Santiago de *Stella Manhattan*, *Uma História de Família* e *Keith Jarrett no Blue Note*, não se excluem. Com *De Cócoras*,

---

<sup>16</sup> SANTIAGO, S. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>17</sup> SANTIAGO, Silviano. *Uma História de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

<sup>18</sup> “Caderno Idéias”, *Jornal do Brasil*: 24/04/1999

<sup>19</sup> TOLSTÓI, Leon. *A Morte de Ivan Ilitch*. Porto Alegre: L&PM, 1997.



parece-nos que é exatamente isso o que ocorre: ao reler Tolstoi e outros autores da chamada “tradição” literária, Silviano Santiago coloca em cena a questão da vivência da velhice nas sociedades contemporâneas, fazendo com que se interpenetrem os discursos sobre o corpo e sobre a cidade de seu personagem, o velho e aposentado Antônio. O tratamento das questões aponta para uma situação de exclusão e morte simbólica do velho, bem como para uma negação do seu direito à cidade.

Nessas duas obras ficcionais de Silviano sucintamente analisadas em consonância com algumas noções extraídas de sua produção crítica, procurou-se recortar elementos que nos permitiram manter em aberto a hipótese de ser a “instância de mediação” uma poderosa estratégia discursiva empregada recorrentemente pelo escritor, em função de renovadas propostas que incitam ao exercício da constante reinvenção. Reinvenção de si mesmo, da literatura, do cotidiano, do amor, da política, das esferas públicas e privadas. O exercício da reinvenção pode ser que contribua para um quadro em que a tolerância com as diferenças seja o sentimento que forneça o tom para as relações humanas presentes e futuras. Falo, portanto, de uma estratégia crítica e estética que faz absoluta questão de manter sempre seus vínculos com a vida. Mantendo em aberto a hipótese, espero estar seguindo a lição do mestre, procurando ativar “instâncias de mediação” na minha própria fala.